

LEITURAS INFATIGÁVEIS: UMA ANÁLISE DO POEMA “CARTAS DE MEU AVÔ”

Simone Grams Land¹

si_land@yahoo.com.br

1 Uma leitura – ou leituras?

Publicado no livro de estreia de Manuel Bandeira, *Cinza das horas*, em 1917, o poema “Cartas de meu avô” é uma leitura peculiar, tanto no sentido de seu valor para quem lê o poema e o aprecia, como no de que é a própria leitura seu tema central. O eu-lírico está *Lendo, sossegado e só*, e a poesia se dá, então, durante essa leitura, tratando, do lado de fora, da chuva, e, do lado de dentro, do leitor, que poetiza o romance dos avós, anterior a sua existência, mas que o toca, o comove.

Neste ensaio, procuro identificar sentidos nesta leitura por meio de sua análise como objeto de diferentes pontos de vista. Em função disso, este estudo é arquitetado a partir dos seguintes subtítulos: *A Chuva e o Ritmo*, *Deleite e Melancolia*, e, ainda, *Infatigáveis*.

Ao destacar diferentes aspectos que vêm a contribuir para a compreensão do poema como um todo, a leitura atenta e aprofundada bem como as releituras de um mesmo objeto são consideradas enriquecedoras. Assim, uma leitura proveitosa do poema “Cartas de meu avô” e de demais textos é concebida como uma tarefa que requer leitores, assim como Bandeira e o eu-lírico do poema, infatigáveis.

2 A chuva e o ritmo

A chuva aparece com frequência na literatura, no cinema, como recurso condensador de emoções, sendo que não são raros os velórios, ou os beijos abaixo de muita água. Se, por um lado, a chuva confere intensidade à exposição de sentimentos – o choro em um funeral chuvoso, ou a paixão em meio à tempestade – por outro lado desperta a busca por abrigo, o recolhimento, como, ao que parece, é o caso desta poesia. A chuva compõe uma tarde *Erma, úmida e silente*, em que o eu-lírico se refugia *sossegado e só* para ler a correspondência de outro tempo.

A imagem acústica *chuva* não evoca apenas uma combinação de fonemas, mas um som específico, o de gotas caindo, no caso, *monotonamente*. Essa monotonia – repetição de

¹ Acadêmica do Curso de Letras Licenciatura Português e Inglês da UFRGS.

sons - é reforçada pela forma do poema, em que os versos variam apenas dentre seis e oito sílabas poéticas, não fugindo disso. A primeira estrofe reaparece na penúltima com sutis modificações. *A tarde cai* é substituída por *E a noite vem*, dando a ideia de passagem do tempo e de continuidade da ação, sendo que a segunda estrofe é repetida no final do poema, encerrando-o de modo circular, o que causa a sensação de um repetir que se prolonga.

Já, no esquema de rimas, à exceção de uma, todas as estrofes são ABAB. Essa exceção, a terceira estrofe, que é ABBA, não representa apenas uma quebra na forma mas também no sentido do poema. Note esse sorriso que desponta em meio à melancolia – é a ternura em si, a tristeza suavizada:

Eternecido sorriso
Do fervor desses carinhos:
É que os conheci velinhos
Quando o fogo era já frio.

Entrelaçar forma e sentido é um esforço visível na poesia de Bandeira, sendo que neste poema, assim como em muitos outros do poeta, percebemos extremo cuidado na escolha das palavras, na sua posição nos versos e nas estrofes bem como na disposição destes. Assim, notamos o autor empenhado em proporcionar sentidos em cada aspecto da poesia. De tal modo, o poeta proporciona ao leitor melancolia, na atmosfera chuvosa, no ritmo repetitivo, e, deleite, em surpresas – como esse sorriso – em decifrar o poema como um todo significativo.

3 Deleite e Melancolia

Enquanto lida com a própria frustração, o sujeito poético se debruça sobre as evidências – os registros em carta – de um amor que cresceu, amadureceu e envelheceu, modificando-se sem estragar. Esse debruçar-se sobre as cartas do avô revela uma postura de humildade por parte do eu-lírico bem como de reverência ao que o antecede, reconhecendo os próprios descuidos, a própria imaturidade.

A melancolia, então, se revela na saudade do que o eu-lírico não viveu, ao contemplar um passado que não é propriamente seu, mas está ligado a ele por laços sanguíneos, afetuosos, familiares.

E eu bendigo, envergonhado,
Esse amor, avô do meu...
Do meu – fruto sem cuidado
Que ainda verde apodreceu.

Notamos que o eu-lírico bendiz o amor do avô, e, ao compará-lo com o seu, envergonha-se. Assim, ao mesmo tempo em que há deleite na admiração desse amor vivido pelo avô, é intensificada a sensação de incapacidade de amar do neto.

Na atmosfera melancólica do poema, o choro não ocorre de modo convencional, com lágrimas nos olhos, mas, inicialmente, é exterior ao eu-lírico, sendo manifestado pela chuva:

A chuva, em gotas glaciais,
Chora monotonamente

No decorrer do poema, há uma transição da expressão da melancolia exterior ao eu-lírico para a interior; na décima estrofe, a alma é quem chora no interior do poeta:

O meu semblante está enxuto.
Mas a alma, em gotas mansas,
Chora, abismada no luto
Das minhas desesperanças...

Notamos que o *semblante está enxuto*, logo, a expressão da melancolia não passa pelo corpo, sendo expressa, primeiro, pelo fenômeno físico chuva, e, em seguida, é manifesta em um plano metafísico, ao passo que é a alma quem chora.

A melancolia, então, paira pela atmosfera do poema bem como está arraigada no interior do eu-lírico. E o deleite, onde está?

Se a melancolia se dá por meio da continuidade, da repetição, da chuva, do choro e é expressa constantemente no decorrer do poema, encontramos o deleite no inesperado, na referida quebra da forma, no sorriso que surge a partir da leitura, que permite constatar um fervor de carinhos anterior à existência do eu-lírico, que conclui: *É que os conheci velhinhos, Quando o fogo era já frio*. Talvez, o eu-lírico prossiga sua leitura, mesmo melancólico, em função do deleite que essa leitura proporciona, ainda que raro, fugaz, é o suficiente para lhe dar fôlego para continuar.

4 Infatigáveis

Conforme Cândido, “Ler infatigavelmente o texto analisado é a regra de ouro do analista, como sempre preconizou a velha *explication de texte* dos franceses. A multiplicação das leituras suscita intuições, que são combustível neste ofício” (CÂNDIDO, 1985, p. 6). O poema “Cartas de Meu Avô” trata de uma leitura infatigável. Não se sabe exatamente quando ela começa nem quando termina, apenas que se dá enquanto *a tarde cai*, segue enquanto *a*

noite vem e continua, em uma busca infatigável. A busca desse leitor por significados é muito próxima da busca do autor Bandeira por uma forma poética, ambas rumo à produção de sentido e, mais uma vez: infatigáveis.

Davi Arrigucci Júnior, estudioso de Bandeira, escreve a respeito do processo poético do autor: “Embora admitindo que a poesia possa nascer “em pleno foco da consciência” e concretamente de uma colisão de vocábulos, sua tendência foi sempre a de aceitar alguma espécie de “mistério poético” [...] de um poeta repentinamente alumbrado” (ARRIGUCCI, 2003, p. 45). Essa aceitação de poeta alumbrado faz pleno sentido associada às intuições, de que fala Cândido, que surgem a partir da multiplicação das leituras. O alumbramento seria, então, a inspiração, a ideia que surge, aparentemente, do nada, quando, na verdade, emerge de um mar de leituras, de experiências e surpreende o autor, o leitor.

Tem-se dado especial atenção ao o que é tido como “poesia madura” de Bandeira. Ela surge a partir de uma libertação da métrica, sem abandonar aspectos rítmicos e resulta em uma poética fluida, combinada a temas cotidianos, que culmina, então, na conhecida simplicidade bandeiriana.

O poema analisado neste estudo não se enquadra na referida simplicidade bandeiriana, tampouco poderíamos classificá-lo como simplório, pois, ao que parece, o conteúdo não está submetido à forma, ainda que rígida, mas a forma está a serviço da composição de sentidos. “Cartas de meu avô” é, então, um poema complexo de um autor de transição, de um poeta em formação, de um Bandeira arriscando em seus primeiros versos.

Autor de transição, porque sua poesia é ainda Parnasiana no que diz respeito à métrica clássica, bem como Simbolista, quanto às imagens crepusculares. Poeta em formação, em função de se tratar de um autor que passaria por transformações até chegar a ser o poeta que conhecemos. E, em função disso, poderíamos chamar o autor deste poema de um Bandeira – o protótipo – dos muitos que resultariam no Bandeira e em sua poesia madura.

Quando falamos em protótipo, não o fazemos por encará-lo com menor relevância, ao contrário, pois já aí é manifesta uma característica fundamental do autor, para a qual Arrigucci (2003) chamaria a atenção: a humildade. Essa humildade transparece na postura do eu-lírico de “Cartas de meu avô”, que se dedica a compreender os que o precederam, no caso, os avós, deslumbrando-se – ou melhor: alumbrando-se – com sua trajetória. Além da humildade, há uma persistência do eu-lírico em ler e reler que beira à teimosia. Não seria o caso do poeta em relação a demais autores, em relação à própria poesia? Cremos que sim. Humildade e persistência motivam criador e criatura, poeta e eu-lírico: simplesmente infatigáveis.

Referências

ARRIGUCCI Jr, Davi. *Humildade, paixão e morte* – A poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Companhia da Letras, 2003.

BANDEIRA, Manuel. BARBOSA, Francisco de Assis (org). *Os melhores poemas de Manuel Bandeira*. São Paulo: Global, 1984.

CÂNDIDO, Antônio. *Na sala de aula* – Caderno de análise literária. São Paulo: Ática, 1985.